

**COPING EM DESEMPREGADOS NA REGIÃO CENTRO-OESTE DO BRASIL**  
*COPING IN JOBLESS IN THE MIDWEST REGION OF BRAZIL*

**Recebido: 05/06/2015 – Aprovado: 02/08/2015 – Publicado: 03/11/2015**  
**Processo de Avaliação: Double Blind Review**

Viviane Castro<sup>1</sup>

viviane.di@gmail.com

Mestre em Psicologia

PUC-GO (Pontifícia Universidade Católica de Goiás)

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde

UFG (Universidade Federal de Goiás)

Helenides Mendonça

helenides@gmail.com

Doutora em Psicologia

UnB (Universidade de Brasília)

Docente de Pós-Graduação e Graduação no Departamento de Psicologia

PUC-GO (Pontifícia Universidade Católica de Goiás)

## **RESUMO**

Este estudo teve como objetivos investigar quais estratégias de enfrentamento a problemas são mais utilizadas por pessoas em condição de desemprego, analisar se existem diferenças significativas quanto ao uso destas estratégias por pessoas em situação de desemprego, identificar como os desempregados percebem o desemprego e verificar se existem diferenças significativas relativamente a esta percepção. Participaram 200 sujeitos desempregados contatados através do SINE-GO. A coleta foi feita de forma presencial e o instrumento utilizado foi o CRI-versão adulta. Os resultados encontrados indicam que os desempregados

---

<sup>1</sup> Autor para correspondência: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Av. Engler, s/n, bairro Jardim Mareliza, Goiânia, GO, Brasil, CEP 74885-460.



da região Centro-Oeste do Brasil, em sua maioria, percebem o desemprego como uma situação desafiadora e utilizam estratégias de aproximação para lidar com tal condição.

Palavras-chave: *Coping*. Percepção do problema. Desempregados.

## **ABSTRACT**

This study aimed to investigate which coping strategies are most widely used by people in unemployment condition. It also consider analyzing checking whether there are differences in the use and perception of these strategies by unemployed people. 200 unemployed subjects were contacted via SINE-GO and could participate. Data collection was made in person and the instrument used was the CRI-adult version. The results have indicated that unemployed people in the Midwest Brazilian region mostly perceive unemployment as a challenging situation and use approach strategies to deal with such a condition.

Keywords: Coping. Problem perception. Unemployed.



## 1 INTRODUÇÃO

Esta investigação insere-se dentro do campo de conhecimento "Evolução e Tendência na Gestão de Pessoas". Sabe-se que a situação do desemprego é parte integrante da realidade do mercado contemporâneo e tem sido algo real e presente na vida de muitos brasileiros. Como profissional e pessoa, o gestor de pessoas deve conhecer tal realidade a fim de enfrentá-la de forma mais eficaz. Por esta razão, surgiu então o interesse em realizar uma pesquisa que abordasse o tema do desemprego, tendo por base o arcabouço teórico existente em Psicologia da Saúde, Social, Organizacional e do Trabalho. O interesse pelo tema deu lugar à seguinte pergunta de investigação: de que forma a situação de desemprego é percebida e enfrentada por indivíduos adultos que procuram recolocação através do SINE-GO?

Para iniciar, é relevante apontar que o trabalho é considerado um meio de produção de vida rico de sentido individual e social, sendo um forte estruturador da personalidade e da identidade humana (PINHEIRO & MONTEIRO, 2007, p.36). Segundo Méda (1999), o indivíduo que trabalha passa a ser reconhecido como parte ativa de uma relação societal maior, interagindo e produzindo resultados na comunidade onde está inserido. Sob esta ótica, entende-se o trabalho como algo essencial na vida das pessoas. Baseando-se nas conclusões de Cruz (2009), o trabalho pode ser visto então como uma necessidade vital e, portanto, humanamente indispensável.

No campo da Psicologia, o trabalho sempre esteve associado ao desenvolvimento humano (CAMPOS, 2011). Segundo Campos (2011), ele é, para além de uma forma de satisfação de necessidades materiais, um contexto no qual se constituem relações sociais e interpessoais, sendo também uma maneira de adquirir suportes de ordem moral, econômica, jurídica, política e cultural. Como o trabalho é, nesta perspectiva, constituído de sentido, o indivíduo que trabalha é um indivíduo em estado de inclusão social (VASCONCELOS & OLIVEIRA, 2004).

Em situação oposta, o indivíduo que não trabalha enfrenta um processo de desvalorização e exclusão sociais. Na atualidade, momento em que homens e mulheres têm acesso ao mercado de trabalho de forma mais igualitária, a sociedade valoriza o indivíduo que está produzindo, dando destaque principal àquelas pessoas que tem um vínculo empregatício, salário fixo e até mesmo estabilidade, apesar da forte tendência contemporânea para a economia e trabalho informais (VASCONCELOS & OLIVEIRA, 2004).



Os autores Vasconcelos e Oliveira (2004) argumentam que a maior parte dos trabalhadores tem no trabalho o único elo social fora do convívio familiar. Nessa perspectiva, mostra-se essencial refletir sobre a situação dos trabalhadores que se encontram fora do meio de trabalho, o que pode trazer consequências para a saúde mental destes indivíduos. Este estudo justifica-se na medida em que procura compreender melhor o fenômeno do desemprego e o que ele pode acarretar do ponto de vista psicológico para a população desempregada, muitas vezes considerada uma população de risco dentro da nossa sociedade.

A fim de obter um maior esclarecimento terminológico e preparar o leitor para a compreensão do objeto de estudo desta investigação, vale ressaltar a diferença entre “trabalho” e “emprego”. O trabalho está diretamente ligado à existência humana, não dependendo do quadro econômico vigente (REINERT, 2001). Segundo Ferreira (1986), trabalho é a aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado objetivo. Já o emprego é sempre adquirido por pessoa física que presta serviços a um empregador a fim de obter algum salário. O emprego é também fruto da relação de trabalho existente no sistema de produção capitalista (REINERT, 2001).

Ainda de acordo com Reinert (2001), o desemprego é a impossibilidade de trabalho formal assalariado. Este conceito de desemprego é também utilizado neste estudo. De forma mais detalhada e abrangente, o desemprego é, nesta investigação, a perda ou não obtenção de um posto de trabalho regulamentar, seguida da procura de novos postos, sendo esta busca combinada ou não com trabalhos considerados precários na forma da lei (irregulares e não regulamentados), estando o trabalhador apto para o exercício das funções laborais (ARGOLO & ARAÚJO, 2004, p.163).

No Brasil, um estudo comparativo acerca das pesquisas de mercado realizadas de 2003 a 2010 apontou mudanças positivas no mercado de trabalho brasileiro em todas as regiões metropolitanas. Neste período, houve uma redução de aproximadamente um milhão de pessoas desocupadas (CAMPOS, 2011). Ainda de acordo com estas pesquisas, o Centro-Oeste é um dos principais pólos de migração do Brasil. O alto índice de migrantes para a região deve-se ao seu crescimento econômico nas últimas décadas, tornando-se um estado atrativo para pessoas de outras regiões que buscam melhores condições de vida e oportunidades de emprego (CAMPOS, 2011).

A fim de exemplificar tal postulação, em 2014, a Região Centro-Oeste evidenciou a segunda menor taxa de desocupação do país (5,8%). Visualizando o panorama nacional, durante o primeiro trimestre do mesmo ano, a taxa de desemprego no Brasil ficou em 7,1%, acima dos 6,2% registrados nos últimos três meses do ano de 2013. Neste primeiro trimestre, a



população brasileira desocupada totalizou 7 milhões de pessoas, sendo este aumento um motivo a mais para o estudo deste fenômeno (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2014).

Segundo Campos (2011), estes dados podem indicar que brasileiros têm, em geral, altas expectativas em relação à reinserção laboral quando pensam em regiões brasileiras como a região Centro-Oeste. Com a expectativa de ser reinserido no mercado sem grandes dificuldades, o indivíduo que está em situação de desemprego na região Centro-Oeste pode perceber o problema de forma mais abrangente, consciente, ativa e até mesmo desafiadora.

Diante desta nova visão do desemprego como algo desafiador, Cruz (2009) critica suposições de pesquisas sobre o desemprego nas quais os indivíduos são considerados passivos e deixam-se frustrar facilmente pelas vicissitudes externas. O autor defende que indivíduos desempregados se mantêm ativos, definindo e elaborando suas respostas à situação, tendo por base os significados que atribuem aos diferentes problemas inerentes à condição de desempregado, recorrendo a recursos dentro de diferentes papéis da vida (CRUZ, 2009).

À medida que pesquisas sobre o desemprego têm sido valorizadas e a busca pelo tema tem aumentado, principalmente devido ao novo cenário sócioeconômico que coloca o desemprego em destaque em várias regiões do globo, é possível reconhecer um grau de variabilidade no modo de sentir e viver o desemprego, podendo até existir referência a uma vivência positiva do mesmo (FRYER, 1998). Apesar de o desemprego ter consequências a nível psicológico, não são todas as pessoas que o vivenciam de forma igual e negativa (FRYER, 1998).

Ainda nesta perspectiva mais positiva do desemprego, vale ressaltar que para Dejours (1992), a saúde pode ser entendida como a possibilidade de alterar situações que provoquem sofrimento. Entende-se assim que a saúde passa a ser sinônimo de possibilidade de transformação, produzindo novos modos de pensar as experiências e de agir. Nesta pesquisa, procurou-se compreender, entre outros aspectos, como indivíduos transformam a situação do desemprego, ou seja, quais estratégias utilizam para efetivar tal transformação.

Ainda acerca das estratégias, segundo Folkman, Lazarus, Dunkel-Schetter, DeLongis & Gruen (1996, p. 993), o *coping* é compreendido como “esforços cognitivos e comportamentais que mudam constantemente e que se desenvolvem para responder às demandas específicas externas e/ou internas avaliadas como excessivas para os recursos do indivíduo”. Latack & Havlovic (1992) concluíram, após examinar várias definições sobre *coping*, que existe um consenso sobre a afirmação de que esse fenômeno é parte de uma transação pessoa-ambiente e que ocorre quando o indivíduo avalia uma situação como estressante.



As estratégias de *coping* podem ser classificadas em diferentes estilos ou subtipos. Neste estudo, utilizamos como referência as teorias de Rudolf Moos, as quais subdividem as estratégias de *coping* em duas: *coping* de aproximação e *coping* de evitação (MOOS; BRENNAN; SCHUTTE & MOOS, 2006).

Um indivíduo pode aproximar-se de um problema e fazer esforços ativos para resolvê-lo, ou pode ainda evitar um problema e focar principalmente na gestão de emoções associadas a ele. No caso de uma situação de desemprego, o indivíduo pode utilizar estratégias de fuga para tentar reduzir a angústia de estar neste contexto, como o uso de drogas, ou pode ainda utilizar estratégias que o aproximam dessa situação na tentativa de resolvê-la, tais como a busca de apoio social (MOOS; BRENNAN; SCHUTTE & MOOS, 2006). Segundo Silva (2012), estratégias de aproximação do problema têm apresentado correlação positiva com a vivência de afetos positivos.

Os autores Estramiana, Gondim, Luque, Luna & Dessen (2012) assumem que não é possível estabelecer “a priori” ou de forma direta quais tipos de estratégia de enfrentamento são mais eficazes, pois sua funcionalidade e eficácia dependem de vários fatores tais como, natureza do evento estressor, severidade e controlabilidade do evento. Ainda segundo estes autores, a avaliação que o sujeito faz da situação também influencia muito o tipo de resposta de enfrentamento que é por ele utilizada.

Estudos mostram que, em caso de enfermidades físicas, o *coping* de aproximação é mais utilizado quando comparado ao *coping* evitativo, sendo este último mais utilizado em problemas que envolvem relações interpessoais (ESTRAMIANA; GONDIM; LUQUE; LUNA & DESSEN, 2012).

A literatura revela a existência de diferentes respostas de *coping* em relação a sexo, faixa etária e nível socioeconômico dos sujeitos (SILVA & ZANINI, 2011). Segundo estes estudos, dois resultados merecem destaque. O primeiro é o de que pessoas do sexo feminino utilizam estratégias focalizadas na emoção com maior frequência e, indivíduos mais jovens (entre 11 e 13 anos) tendem a usar mais estratégias comportamentais, enquanto jovens entre 14 e 18 anos tendem a usar mais estratégias cognitivas (SILVA & ZANINI, 2011).

Assim, tendo por base a percepção individual acerca da condição do desemprego, as estratégias utilizadas pelas pessoas para lidar com tal situação e os possíveis impactos destes dois aspectos na saúde de desempregados que residem na região Centro-Oeste do Brasil, este estudo tem por objetivos investigar quais estratégias de enfrentamento a problemas são mais utilizadas por pessoas em condição de desemprego, analisar se existem diferenças significativas quanto ao uso destas estratégias por pessoas em situação de desemprego,



identificar como os desempregados percebem o desemprego e verificar se existem diferenças significativas relativamente a esta percepção.

## 2 MÉTODO

Participaram 200 sujeitos acessados através do SINE (Sistema Nacional de Emprego), em Goiânia-GO, selecionados por estarem em situação de desemprego e à procura de novos postos de trabalho. Tal instituição pública faz intermediação para o trabalho, sendo vinculada ao governo do Estado de Goiás e funciona como centro de recrutamento, seleção e treinamento de pessoas que deliberadamente querem nova recolocação no mercado de trabalho. A maioria dos participantes da amostra é do sexo masculino (N=101; 50,5%), com diferença estatística significativa ( $t= 42,312$ ;  $p< 0,001$ ). A idade média dos participantes do estudo foi de 25,78 anos (DP = 7,76), sendo que a maioria deles tem menos de 25 anos. A maior parte dos participantes se enquadrou no estado civil "solteiro" (N=119; 59,5%), com diferença estatística significativa ( $t=23,149$ ;  $p<0,001$ ). A maioria dos sujeitos não têm filhos (N=128; 64,0%), com diferença significativa ( $t=38,607$ ;  $p<0,001$ ). A escolaridade predominante foi ensino médio completo (N=107; 53,5%), também com diferença significativa ( $t=62,187$ ;  $p<0,001$ ).

As estratégias de enfrentamento de problemas foram analisadas utilizando-se o *Coping Response Inventory* (CRI) de Moos (1993) em sua versão adulta. Este questionário está em fase de validação pelo Grupo de Estudos de Psicologia Organizacional do Trabalho e Saúde (GEPOTS) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás) e tem como objetivo analisar o tipo de evento estressante vivenciado e as estratégias de *coping*. Os valores Alfa das escalas do instrumento original são aceitáveis (entre 0,68 e 0,72). A versão brasileira também apresentou ótima qualidade psicométrica, com índices de consistência interna de 0,80 e 0,77 para as escalas de aproximação e evitação, respectivamente.

O CRI – Adulto está dividido em três partes. A primeira consiste na descrição de uma situação estressante ou difícil que tenha vivido nos últimos 12 meses. Neste estudo, considera-se que o problema vivenciado pelos indivíduos seja a situação de desemprego. Com base nesta situação descrita, o indivíduo deve responder às perguntas das outras duas fases.

A segunda parte consta de 10 perguntas nas quais o sujeito valora e analisa a situação estressante de diversos pontos de vista (experiência prévia, preconceitos, responsabilidade,



causa, entre outros). A pontuação das respostas desta segunda parte tem como base uma escala *Likert* de quatro pontos (Não; Geralmente não; Geralmente sim e Sim).

Na terceira parte, estão presentes as estratégias específicas utilizadas pelos indivíduos para fazer frente ao problema descrito na primeira fase. Para isso, pede-se ao sujeito que responda a 48 perguntas de acordo com as quatro alternativas que lhe são propostas: não – nunca, uma ou duas vezes, bastante vezes e sim – sempre, com os valores 0, 1, 2 e 3, respectivamente.

Os 48 itens de estratégias de *coping* agrupam-se em oito escalas diretas. Essas oito estratégias podem ser agrupadas, segundo o foco e/ou o método de *coping* utilizado, em outras quatro escalas aditivas, conforme observado na Tabela 1. Ao agrupá-las segundo o foco de *coping*, geram-se as escalas de estratégias de aproximação ou de evitação do problema. Ao agrupá-las segundo o método de *coping*, são geradas as escalas de respostas cognitivas ou comportamentais. A pontuação das escalas globais – Respostas cognitivas, Respostas comportamentais, Estratégias de aproximação e Estratégias de evitação – é obtida mediante a soma das pontuações das escalas diretas que as compõem.

Tabela 1 – Dimensões e habilidades de *coping*.

<b>Tipos de Coping</b>	<b>Coping de Aproximação</b>	<b>Coping de Evitação</b>
<b>Cognitivo</b>	Análise Lógica	Evitação Cognitiva
	Reavaliação Positiva	Aceitação/ Resignação
<b>Comportamental</b>	Busca por Guia e Suporte	Busca por Gratificação
	Resolução de problemas	Descarga Emocional

Fonte: Moos (1993).

Mediante o auxílio de um funcionário do local, os questionários foram aplicados por estudantes previamente treinados e orientados para esta finalidade, nas próprias dependências do SINE, de forma presencial e individual. O questionário CRI-Adulto foi aplicado respeitando-se as normas e as instruções de aplicação contidas em seu manual. O tempo para respondê-lo foi livre.

### 3 RESULTADOS

Os dados provenientes da aplicação do instrumento antes descrito foram analisados utilizando-se o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 20.0. Para a apresentação dos dados, optou-se por dividir os resultados em duas partes, de acordo com as análises e as comparações entre grupos. Inicialmente, compararam-se as variáveis referentes à percepção do problema segundo as variáveis sexo, idade, escolaridade e estado civil. Secundariamente, compararam-se as variáveis referentes ao uso das estratégias de *coping* segundo as variáveis sexo, idade, escolaridade e estado civil. Por meio dessas análises, buscou-se avaliar a influência das variáveis sociodemográficas sobre a percepção do problema e sobre o uso de estratégias de *coping*. Em todas as tabelas estão expostos apenas os dados que foram estatisticamente significativos ( $p < 0,05$ ).

Anteriormente às análises estatísticas inferenciais, vale destacar a seguir algumas análises descritivas que são também parte dos resultados desta investigação.

Com relação à percepção do problema, 56,1% dos participantes nunca tiveram que enfrentar o desemprego, 42,9% sabiam que este problema poderia acontecer consigo mesmos, 54,8% não tiveram tempo suficiente para preparar e enfrentar o desemprego, 43,7% sabiam que o problema os prejudicaria, 56,7% pensaram no desemprego como um desafio, 55,6% relataram que o problema não foi por eles causado, 39,5% colocaram que o problema foi causado por outra pessoa e 56,1% evidenciaram alguma coisa boa ao enfrentar o problema.

As estratégias de enfrentamento referentes à dimensão *coping* de aproximação mais utilizadas pelos participantes (escala de 1 a 4), em ordem decrescente, foram: resolução de problemas ( $M=2,87$ ,  $DP=0,81$ ), análise lógica ( $M=2,84$ ,  $DP=0,56$ ), reavaliação positiva ( $M=2,83$ ,  $DP=0,63$ ) e busca por guia e suporte social ( $M=2,57$ ,  $DP=0,81$ ). As estratégias de enfrentamento referentes à dimensão *coping* de evitação mais utilizadas pelos participantes (escala de 1 a 4), em ordem decrescente, foram: evitação cognitiva ( $M=2,74$ ,  $DP=0,66$ ), busca por gratificação ( $M=2,54$ ,  $DP=0,64$ ), aceitação/resignação ( $M=2,51$ ,  $DP=0,70$ ) e descarga emocional ( $M=2,39$ ,  $DP=0,60$ ).

Utilizando a árvore de decisão estatística de Field (2009) para avaliar a aplicação e adequação das análises estatísticas deste estudo e considerando, neste momento, que a *Percepção do Problema* é a única variável dependente do tipo numérica a ser analisada, utiliza-se a Análise Estatística Univariada.



Analisando a relação entre *Percepção do Problema* e a variável categorial dicotômica *Sexo*, e considerando também o fato de termos na amostra uma quantidade de sujeitos superior a 30, há possibilidade de utilizar o teste T paramétrico para amostras independentes mesmo que estes dados não apresentem distribuição normal. Para observar os dados do teste T nesta análise, foram primeiramente observados os resultados do teste de Levene. Quando o teste de Levene é significativo, devemos assumir que as variâncias não são iguais, logo se lê o teste T na sua segunda linha de resultados ou se este não for significativo, lê-se o teste T na primeira linha de resultados. Neste caso, com ou sem a correção à igualdade de variâncias (teste de Levene), não houve diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres relativamente à forma de perceber o desemprego.

Analisando a relação entre *Percepção do Problema* e a variável numérica *Idade*, verifica-se a possibilidade de aplicação de testes paramétricos. Porém, para proceder a tais análises, faz-se necessário o cumprimento dos pressupostos dos testes paramétricos, tais como ter mais de 30 sujeitos na amostra, uma variável numérica, distribuição normal dos dados analisados e homogeneidade da variância. Através das Estatísticas Descritivas, são extraídos dois testes de normalidade (*Kolmogorov-Smirnov* e *Shapiro-Wilk*). Como há mais de 50 sujeitos na amostra deste estudo, utilizam-se os resultados do teste *Kolmogorov-Smirnov*, o qual nos fornece níveis de significância com valores inferiores a 0,05. Com isso, rejeita-se a hipótese nula e, portando, rejeita-se a distribuição normal da variável. Realiza-se então a análise através do teste não paramétrico *Kruskal-Wallis*.

Vale ressaltar que a amostra em questão teve a variável *Idade* subdividida em 5 grupos. O primeiro grupo é formado por sujeitos de até 25 anos, o segundo grupo tem sujeitos entre 26 e 30 anos, o terceiro tem sujeitos entre 31 e 35 anos, o quarto tem sujeitos entre 36 e 40 anos de idade e o quinto e último grupo tem sujeitos acima dos 40 anos. Conforme observado na Tabela 2, houve diferenças estatisticamente significativas entre "ter tempo suficiente de preparar para enfrentar o problema" e a idade dos sujeitos [ $\chi^2(5) = 9,867, p = .043$ ].

Como o teste *Kruskal Wallis* não permite observar quais grupos apresentaram tais diferenças, aplica-se o teste *U Mann-Whitney*. Este é um teste não paramétrico usado para determinar em que medida as médias de dois grupos são diferentes uma da outra. Tendo isto em vista, os agrupamentos de idade foram comparados dois a dois, ainda conforme Tabela 2, sendo 1 – até 25 anos, 2 – 26-30 anos, 3 – 31-35 anos, 4 – 36-40 anos, 5 – acima de 40 anos, e foram encontradas diferenças significativas em duas combinações distintas, relativamente à *Percepção do Desemprego*.

Tabela 2 – Teste *Kruskal-Wallis* (Percepção do Problema – 3A. Ter tempo suficiente de preparação para enfrentar o problema - *versus* Idade) e Teste *Mann-Whitney* (Percepção do Problema – 3A. Ter tempo suficiente de preparação para enfrentar o problema – *versus* Idade).

	Idade					<i>Kruskal-Wallis</i>		
	1	2	3	4	5	$\chi^2$	p	
Percepção do Problema (3A)	103,51	97,83	85,59	86,92	58,82	5	.043	
	Idade					<i>Mann-Whitney</i>		
	1	2	3	4	5	<i>Mann-Whitney U</i>	Z	Sig
<i>Rankings Médios</i>								
Percepção do Problema (3A)	68,58			37,86		350,50	-2,78	,005
		21,63		14,27		91	-2,19	,028

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras do artigo (2014).

Conclui-se a partir dos resultados que sujeitos com até 25 anos de idade ( $Z=-2,78$ ,  $p=,005$ ) e entre 26 e 30 anos ( $Z=-2,19$ ,  $p=,028$ ) declararam ter mais tempo para enfrentar a situação do desemprego que os sujeitos acima de 40 anos de idade.

Para analisar a relação entre a *Percepção do Problema* e a variável categorial *Escolaridade*, verifica-se a possibilidade de aplicação do teste paramétrico ANOVA a um fator (Field, 2009). Anteriormente, faz-se necessário o cumprimento dos pressupostos dos testes paramétricos. Como há mais de 50 sujeitos na amostra deste estudo, foram utilizados novamente os resultados do teste *Kolmogorov-Smirnov*, o qual nos fornece níveis de significância com valores inferiores a 0,05. Com isso, rejeita-se a hipótese nula e, portanto, rejeita-se a distribuição normal da variável. Realiza-se então a análise através do teste não paramétrico *Kruskal-Wallis* para amostras independentes, uma vez que não há normalidade.

Conforme visto na Tabela 3, há diferenças estatisticamente significativas entre o grau de escolaridade dos sujeitos da amostra (ensino fundamental incompleto [1], ensino fundamental completo [2], ensino médio incompleto [3], ensino médio completo [4], graduação [5]) e o fato de “ter acontecido alguma coisa boa ao enfrentar o problema” [ $\chi^2(5) = 9,729$ ,  $p = .045$ ]. O teste *Kruskal Wallis* não permite observar quais grupos apresentaram tais diferenças. Para avaliar tais diferenças, aplica-se o teste *U Mann-Whitney*. Tendo isto em vista, os graus de escolaridade foram comparados dois a dois, conforme Tabela 3. Vale ressaltar que nenhum sujeito identificou ausência de escolaridade.

Tabela 3 – Teste *Kruskal-Wallis* (Percepção do Problema – 8A. Ter acontecido alguma coisa boa ao enfrentar o problema - *versus* Escolaridade) e Teste *Mann-Whitney* (Percepção do Problema – 8A. Ter acontecido alguma coisa boa ao enfrentar o problema - *versus* Escolaridade).

	Escolaridade					<i>Kruskal-Wallis</i>		
	1	2	3	4	5	$\chi^2$	p	
Percepção do Problema (8A)	46,50	94	87,87	102,68	82,26	5	.045	
	Escolaridade					<i>Mann-Whitney</i>		
	1	2	3	4	5	<i>Mann-Whitney U</i>	Z	Sig
	<i>Rankings Médios</i>							
Percepção do Problema (8A)	23,25		56,72		83		-2,37	.018
			76,58	61,11	1581		-2,21	.026

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras do artigo (2014).

Diferenças significativas na média de classificação foram encontradas entre sujeitos com ensino fundamental incompleto (*Ranking* Médio=23,25) e sujeitos com ensino médio completo (*Ranking* Médio=56,72) ( $Z=-2,37$ ,  $p=.018$ ), relativamente à percepção de que “aconteceu alguma coisa boa ao enfrentar o problema”.

Diferenças significativas na média de classificação também foram encontradas entre sujeitos com ensino médio completo (*Ranking* Médio=76,58) e sujeitos com graduação (*Ranking* Médio=61,11) ( $Z=-2,21$ ,  $p=.026$ ), relativamente à percepção de que “aconteceu alguma coisa boa ao enfrentar este problema”. Em resumo, sujeitos com ensino médio completo relataram maior vivência de coisas boas ao enfrentar o desemprego que outros sujeitos de maior ou menor escolaridade.

Para analisar a relação entre *Percepção do Problema* e a variável categorial *Estado Civil*, verifica-se a possibilidade de aplicação do teste paramétrico ANOVA a um fator (Field, 2009). Mais uma vez, faz-se necessário o cumprimento dos pressupostos dos testes paramétricos. Como não há distribuição normal da variável, realiza-se a análise através do teste não paramétrico *Kruskal-Wallis* para amostras independentes.

Conforme visto nas Tabelas 4 e 5, há diferenças estatisticamente significativas entre a variável “estado civil” (solteiro [1], casado [2], separado [3], outros [4]) dos sujeitos da amostra e “saber que este problema poderia acontecer com você” [ $\chi^2(3) = 10,054$ ,  $p = .018$ ] e ainda “ter tempo suficiente de preparar para enfrentar o problema” [ $\chi^2(3) = 8,705$ ,  $p = .033$ ]. O teste *Kruskal Wallis* não permite observar quais grupos apresentaram tais diferenças. Para avaliar tais diferenças, aplicou-se o teste *U Mann-Whitney*. Tendo isto em vista, os estados civis foram comparados dois a dois, conforme Tabelas 4 e 5.

Tabela 4 – Teste *Kruskal-Wallis* (Percepção do Problema – 2A. Saber que este problema poderia acontecer com você - *versus* Estado Civil) e Teste *Mann-Whitney* (Percepção do Problema – 2A. Saber que este problema poderia acontecer com você - *versus* Estado Civil).

	Estado Civil				<i>Kruskal-Wallis</i>		
	1	2	3	4	$\chi^2$	p	
Percepção do Problema (2A)	90,57	89,80	121,55	123,58	4	.018	
	Estado Civil				<i>Mann-Whitney</i>		
	1	2	3	4	<i>Mann-Whitney U</i>	Z	Sig
<i>Rankings Médios</i>							
Percepção do Problema (2A)	65,50		89,48		760,50	-2,65	.008

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras do artigo (2014).

Tabela 5 – Teste *Kruskal-Wallis* (Percepção do Problema – 3A. Ter tempo suficiente de preparar para enfrentar o problema - *versus* Estado Civil) e Teste *Mann-Whitney* (Percepção do Problema – 3A. Ter tempo suficiente de preparar para enfrentar o problema - *versus* Estado Civil).

	Estado Civil				<i>Kruskal-Wallis</i>		
	1	2	3	4	$\chi^2$	p	
Percepção do Problema (3A)	99,57	93,62	51,50	95,42	4	.033	
	Estado Civil				<i>Mann-Whitney</i>		
	1	2	3	4	<i>Mann-Whitney U</i>	Z	Sig
<i>Rankings Médios</i>							
Percepção do Problema (3A)	67,40		34,50		290	-2,92	.003

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras do artigo (2014).

Diferenças significativas na média de classificação foram encontradas entre sujeitos solteiros (*Ranking* Médio=65,50) e sujeitos com estado civil “outros” (*Ranking* Médio= 89,48) ( $Z=-2,65$ ,  $p=.008$ ), relativamente à “saber que este problema poderia acontecer com você”.

Diferenças significativas na média de classificação foram encontradas entre sujeitos solteiros (*Ranking* Médio=67,04) e sujeitos separados (*Ranking* Médio=34,50) ( $Z=-2,92$ ,  $p=.003$ ), relativamente à “ter tempo suficiente de preparação para enfrentar este problema”. Em resumo, quanto aos dois aspectos acima citados, solteiros apresentaram média maior, tendo mais tempo para enfrentar o desemprego e também mais consciência de que é uma situação que pode com eles ocorrer.

Utilizando a árvore de decisão estatística de Field (2009) para avaliar a aplicação e adequação das análises estatísticas e considerando, neste momento, que o *Uso de Estratégias de Coping* é a única variável dependente do tipo numérica a ser analisada, utiliza-se a Estatística Univariada para análise.

Analisando a relação entre *Uso de Estratégias de Coping* e a variável categorial dicotômica *Sexo*, e considerando também o fato de termos na amostra uma quantidade de sujeitos superior a 30, há possibilidade de utilizar o teste T paramétrico para amostras independentes. Para verificar os dados do teste t, foram primeiramente observados os resultados do teste de Levene. Neste caso, com ou sem a correção à igualdade de variâncias (teste de Levene), houve diferença estatisticamente significativa entre homens e mulheres relativamente ao uso de estratégias de *coping* do tipo Reavaliação Positiva. Conforme Tabela 6, mulheres utilizam mais este tipo de estratégia do que homens ( $t = 2,15$ ;  $p = .033$ ).

Tabela 6 – Teste t de Student para diferenças de média entre *Uso de estratégias de coping* e *Sexo*.

Sexo	N	Média	Desvio-Padrão	t	p
Masculino	88	2,814	.663	2,15	.033
Feminino	86	3,034	.687		

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras do artigo (2014).

Analisando a relação entre *Uso de estratégias de coping* e a variável *Idade*, verifica-se a possibilidade de aplicação de testes paramétricos. Porém, para proceder a tais análises, faz-se necessário o cumprimento dos pressupostos dos testes paramétricos, tais como ter mais de 30 sujeitos na amostra, uma variável numérica, distribuição normal dos dados analisados e homogeneidade da variância. Através das Estatísticas Descritivas, são extraídos dois testes de normalidade (*Kolmogorov-Smirnov* e *Shapiro-Wilk*). Como há mais de 50 sujeitos na amostra deste estudo, utilizam-se os resultados do teste *Kolmogorov-Smirnov*, o qual nos fornece níveis de significância com valores inferiores a 0,05. Com isso, rejeita-se a hipótese nula e, portanto, rejeita-se a distribuição normal da variável. Realiza-se então a análise através do teste não paramétrico *Kruskal-Wallis*.

Conforme observado na Tabela 7, houve diferenças estatísticas significativas entre "*Coping – Análise Lógica*" e a idade dos sujeitos [ $\chi^2(5) = 12.95$ ,  $p = .012$ ].

Como o teste *Kruskal Wallis* não permite observar quais grupos apresentaram tais diferenças, aplica-se o teste *U Mann-Whitney*. Tendo isto em vista, os agrupamentos de idade foram comparados dois a dois, ainda conforme Tabela 7, sendo 1 – até 25 anos, 2 – 26-30 anos, 3 – 31-35 anos, 4 – 36-40 anos, 5 – acima de 40 anos, e foram encontradas diferenças significativas em três combinações distintas, relativamente ao uso da estratégia de *coping* do tipo Análise Lógica.

Tabela 7 – Teste *Kruskal-Wallis* (Uso de estratégias de *coping* – Análise Lógica versus Idade) e Teste *Mann-Whitney* (Uso de estratégias de *coping* – Análise Lógica versus Idade).

	Idade					<i>Kruskal-Wallis</i>	
	1	2	3	4	5	$\chi^2$	p
<i>Coping</i> Análise Lógica	80,17	98,80	97,07	95,18	132,68	5	.012
	Idade					<i>Mann-Whitney</i>	
	1	2	3	4	5	<i>Mann-Whitney U</i>	Z Sig
<i>Rankings Médios</i>							
<i>Coping</i> Análise Lógica	57,28			92,45	248	-3,21	,001
		16,10		23,95	402,50	-2,07	,038
			14,12	21,05	296,50	-2,00	,045

Fonte: Tabela elaborada pela autora do artigo (2014).

Conclui-se a partir destes resultados que sujeitos com mais de 40 anos de idade usaram mais a estratégia de *coping* do tipo análise lógica comparativamente aos sujeitos mais jovens da amostra (até 25, entre 26-30 e entre 31-35 anos).

Para analisar a relação entre *Uso de Estratégias de Coping* e a variável categorial *Escolaridade*, verifica-se a possibilidade de aplicação do teste paramétrico ANOVA a um fator, assim como feito na primeira parte da apresentação de resultados deste estudo (Field, 2009). Como não houve distribuição normal da variável, realiza-se então a análise através do teste não paramétrico *Kruskal-Wallis* para amostras independentes. Após a aplicação do teste, concluiu-se que não existem diferenças estatística significativas entre as *Estratégias de Coping* e o nível de *Escolaridade* dos sujeitos da amostra.

Para finalizar a análise de resultados deste artigo, avalia-se a relação entre o *Uso de Estratégias de Coping* e a variável categorial *Estado Civil*. Conforme visto na Tabela 8, há diferenças estatística significativas entre a variável “estado civil” (solteiro [1], casado [2], separado [3], outros [4]) dos sujeitos da amostra e a estratégia de *coping* “Busca por Gratificação” [ $\chi^2 (4) = 7,90, p = .048$ ]. O teste *Kruskal Wallis* não permite observar quais grupos apresentaram tais diferenças. Para avaliar tais diferenças, aplica-se o teste *U Mann-Whitney*. A partir daí, os estados civis foram comparados dois a dois, mas não foram encontradas diferenças significativas.

Tabela 8 – Teste *Kruskal-Wallis*: Estratégia de *Coping* – Busca por Gratificação *versus* Estado Civil.

	Estado Civil				<i>Kruskal-Wallis</i>	
	1	2	3	4	$\chi^2$	Sig
Estratégia de <i>Coping</i> “Busca por Gratificação”	79	94,94	101,85	83,47	4	.048

Fonte: Tabela elaborada pela autora do artigo (2014).

#### 4 DISCUSSÃO

O objetivo deste estudo foi investigar quais estratégias de enfrentamento são mais utilizadas por pessoas em condição de desemprego e analisar se existem diferenças significativas quanto ao uso destas estratégias por pessoas desempregadas. Objetivou-se também identificar como os desempregados percebem o desemprego e verificar se existem diferenças significativas relativamente a esta percepção. Os resultados serão discutidos a luz do referencial teórico apresentado na parte introdutória deste artigo científico.

De acordo com os resultados obtidos nesta investigação, mais da metade dos sujeitos da amostra interpretam sua atual condição como um desafio a ser superado. Este resultado vai ao encontro das afirmações de Campos (2011), nas quais há uma visão ativa e abrangente do desemprego, possivelmente acompanhada pelas expectativas dos indivíduos residentes na região Centro-Oeste do Brasil. Ainda em conformidade com este resultado, estão as postulações de Cruz (2009). Segundo este último autor, o desempregado não é um indivíduo passivo e faz uso de recursos para lidar com esta dificuldade. Neste estudo, foi possível concluir que os desempregados fizeram uso de todos os tipos de estratégias de enfrentamento elencadas por Moos (1993) e utilizaram, em maior grau, as estratégias do tipo *coping* de aproximação, consolidando assim a postura ativa e desafiadora dos desempregados deste estudo.

A descrição estatística indicativa de que a maioria dos sujeitos da amostra nunca enfrentou o desemprego pode ser explicada pelo simples fato de ter sido esta uma amostra formada por um número expressivo de indivíduos jovens, que estão iniciando sua vida profissional e tiveram pouco contato com o mercado. Outro resultado também relacionado com a idade e que expõe a realidade diária do mercado de trabalho enfrentada por pessoas que possuem



mais de 40 anos, é o fato de estes sujeitos mais velhos terem relatado, com diferença significativa, menos tempo para preparar e enfrentar o desemprego.

Vale destacar que, ao encontro dos resultados de Silva (2012) e Fryer (1998), a maioria dos sujeitos da amostra "sente coisas boas ao enfrentar o problema". Isso demonstra uma vivência positiva do desemprego e experiência afetiva positiva mediante aproximação do problema. Neste sentido, este estudo corrobora a tão difundida hipótese de que estratégias de aproximação estão acompanhadas de sensação de bem-estar e estratégias de evitação estão acompanhadas de sensação de mal-estar psicológico.

Conforme colocado no início deste trabalho, para Dejours (1992), o indivíduo saudável é um indivíduo capaz de transformar o ambiente no qual está inserido. Pelos resultados obtidos neste estudo, é possível que estes sujeitos desempregados sejam saudáveis sob este ponto de vista. As respostas obtidas por meio do instrumento aplicado demonstraram utilização de recursos transformadores (estratégias de enfrentamento).

Quanto à escolaridade e ao estado civil dos sujeitos, vale ressaltar dois aspectos. O primeiro refere-se à relação percepção do desemprego-escolaridade e o segundo refere-se à relação percepção do desemprego-estado civil. Quanto à primeira relação, os dados mostram que sujeitos com nível médio de escolaridade relataram, de forma significativa, que ao enfrentar o desemprego, coisas boas acontecem. Isso pode indicar maior capacidade destes indivíduos em resolver os problemas e obter sucesso em suas ações, mas não foram encontrados estudos que fundamentassem esse resultado. Esse resultado pode ser também consequência do número elevado de oportunidades no mercado que exigem este grau de escolaridade. De qualquer forma, mais estudos são necessários para validar tais afirmações.

Quanto à relação percepção do desemprego-estado civil, solteiros apresentaram mais consciência acerca da iminência do problema do desemprego e relataram mais tempo para preparar e enfrentar o problema comparativamente aos sujeitos separados. Também não foram encontradas pesquisas para fundamentar tais dados, o que inviabiliza interpretações mais conclusivas neste ponto da investigação.

Um resultado importante do estudo está relacionado com o sexo dos participantes e a forma de enfrentar o desemprego. Diferentemente dos achados de Silva & Zanini (2011), os quais demonstram que mulheres enfrentam seus problemas tendo como foco primordial a emoção, os participantes do sexo feminino desta amostra utilizam mais a estratégia de reavaliação positiva comparados aos homens. Este é um tipo de estratégia cognitiva e voltada para a aproximação do problema, o que indica que mulheres estão se sobrepondo aos homens neste aspecto, aumentando as suas chances de sucesso no enfrentamento de um problema grave e



atual como o desemprego. Vale lembrar que, nos dias atuais, a mulher está muito presente no mercado de trabalho e, através dos resultados aqui apresentados, a mulher possivelmente concretiza, do ponto de vista psicológico, esta nova forma de “ser no mundo” e, principalmente, consolida uma nova forma de lidar com um problema que há algumas décadas só interessava aos homens considerados "provedores".

Ainda acerca dos estudos de Silva & Zanini (2011), os dados deste estudo vão ao encontro dos resultados das referidas pesquisadoras no que diz respeito à relação Idade-Estratégias de *coping* utilizadas. De fato, quanto maior a idade dos participantes, mais estratégias do tipo cognitivas foram utilizadas. Neste estudo, quanto maior a idade dos participantes, maior foi a utilização da estratégia do tipo Análise Lógica.

## 5 CONCLUSÃO

Todos os objetivos elucidados no início da seção anterior foram alcançados. A partir desta investigação, foi possível concluir que a maioria dos desempregados contatados pelo SINE-GO percebe o desemprego de forma desafiante e há diferenças significativas desta percepção no que concerne à escolaridade e ao estado civil. Foi possível concluir ainda que desempregados do estado de Goiás utilizam mais estratégias de aproximação para lidar com o desemprego e há diferenças significativas do uso de tais estratégias no que concerne ao sexo e idade dos participantes. Desta forma, foi possível responder ao problema de pesquisa inicialmente apresentado.

Como limitações do estudo, destacam-se três. A primeira delas é o fato de que esta pesquisa não foi capaz de avaliar a relação entre as variáveis *coping* e percepção do desemprego. Secundariamente, a ausência de estudos que tratassem da percepção do desemprego e de sua relação com algumas variáveis demográficas inviabilizou uma discussão mais abrangente sobre o tema. A terceira e última limitação é a transversalidade da pesquisa, focando somente um momento e lugar específicos.

Sugere-se que mais pesquisas sejam feitas a partir deste tema, ampliando ainda mais os modelos explicativos que colocam em destaque o *coping* e a condição de desemprego. Além disso, sugere-se que sejam feitas pesquisas longitudinais com o objetivo de acompanhar mais e melhor a trajetória do sujeito desempregado. Por último, o pioneirismo do presente estudo



coloca, para os demais pesquisadores, a possibilidade de serem realizadas pesquisas similares em outros estados a fim de conhecer como este mesmo fenômeno ocorre em outras regiões.

## REFERÊNCIAS

ARGOLO, T.; ARAÚJO, D. Impacto do desemprego sobre o Bem-Estar Psicológico dos Trabalhadores da cidade de Natal. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 8, n. 4, p. 161-182, 2004.

CAMPOS, D. C. **Autoeficácia e Saúde Mental em Trabalhadores Desempregados**. Dissertação (Mestrado) – Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de 2011.

CRUZ, P. **O Impacto do desemprego nos níveis da depressão, auto-estima, e de desânimo aprendido – estudo comparativo numa amostra de empregados e desempregados**. Dissertação (Mestrado) – Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2009.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo em psicopatologia do trabalho**. 5. ed. São Paulo: Cortez e Oboré, 1992.

ESTRAMIANA, J. L. A.; GONDIM, S. M. G.; LUQUE, A. G.; LUNA, A. F.; DESSEN, M. C. Desempleo y Bienestar Psicológico en Brasil y España: Un Estudio Comparativo. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 12, n. 1, p. 5-16, 2012.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FIELD, A. **Discovering statistics using SPSS**. 3. ed. London: Sage Publications, 2009.

FOLKMAN, S.; LAZARUS, R. S.; DUNKEL-SCHETTER, C.; DELONGIS, A.; GRUEN, R. J. Dynamics of a stressful encounter: cognitive appraisal, *coping*, encounters outcomes. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 50, p. 992-1003, 1996.

FRYER, D. **Handbook of life, stress, cognition and health**. New York: John Wiley and Sons, 1998.

INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Departamento de Pesquisa. **Relatório de PME**. Rio de Janeiro IBGE, 2014. Disponível em: <[www.ibge.org.br](http://www.ibge.org.br)>. Acesso em: 24 jun. 2014.

LATAACK, J. C.; HAVLOVIC, S. J. Coping with job stress: A conceptual evaluation framework for coping measures. **Journal of Organizational Behavior**, v. 13, p. 479-508, 1992.

MÉDA, D. **O trabalho: Um valor em vias de extinção**. Lisboa: Fim de Século Eds., 1999.



MOOS, R. H. **The Coping Responses Inventory Adult Form manual**. Odessa: Psychological Assessment Resources, 1993.

MOOS, R. H.; BRENNAN, P. L.; SCHUTTE, K. K.; MOOS, B. S. Older adults' *coping* with negative life events: Common processes of managing health, interpersonal, and financial/work stressors. **International Journal of Aging & Human Development**, v. 62, p. 39-59, 2006.

PINHEIRO, L. R. S.; MONTEIRO, J. K. Refletindo sobre desemprego e agravos à Saúde Mental. **Cadernos de Psicologia Social e do Trabalho**, v. 10, n. 2, p. 35-45, 2007.

REINERT, J. N. Desemprego: Causas, Consequências e Possíveis soluções. **Revista de Ciências da Administração**, v. 3, n. 5, p. 45-48, 2001.

SILVA, L. F. **Estratégias de Coping e Bem-Estar Subjetivo: Estudo com Trabalhadores Desempregados**. Dissertação (Mestrado) – Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2012.

SILVA, L. S. D.; ZANINI, D. S. *Coping* e saúde mental de adolescentes vestibulandos. **Estudos de Psicologia**, v. 16, n. 2, p. 147-154, 2011.

VASCONCELOS, Z. B.; OLIVEIRA, I. D. **Orientação vocacional**: alguns aspectos teóricos, técnicos e práticos. São Paulo: Vetor, 2004.

